

A IMPORTÂNCIA DE SE PRESERVAR A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz*

Resumo: *O resgate e a preservação da memória, através da documentação manuscrita, que se acumula nos arquivos do Brasil e do mundo, representam hoje tarefas de diversas áreas do conhecimento. Preservar essa documentação do olvido se faz necessário porque ela revela mudanças lingüísticas; origens de famílias, de instituições, de cidades; relações de poder nos diversos níveis da sociedade, etc. Desvendar toda essa informação tem importância não só para a História bem como para a Lingüística, a Antropologia, o Direito, a Religião. Sendo assim, mostrar-se-á, a partir de alguns documentos selecionados em arquivos públicos baianos, a sua importância para diversos ramos do saber.*

Palavras-chave: Memória; Documentação Manuscrita; Preservação

1. INTRODUÇÃO

O advento da escrita legou à humanidade a possibilidade de armazenar, de dar a conhecer à posteridade toda a sua história: repleta de emoções, intrigas, pensamentos, feitos heróicos, descobrimentos, conquistas... enfim, a escrita representa a própria memória do homem. Ela faz parte da civilização de tal modo que se define por si mesma e, nesse contexto, a história da humanidade se divide em dois grandes momentos: antes e depois da escrita; quiçá já estejamos vivendo um terceiro período – pós-escrita. No entanto, ainda estamos sob o seu reinado, pois as atuais sociedades têm por base o que está escrito: as leis orais foram substituídas pelas leis escritas, as convenções orais foram substituídas pelos contratos escritos, as religiões de tradição lendária cederam lugar às religiões escritas, ou seja, não existe história que não esteja fundamentada sobre textos escritos. Segundo Bowman e Woolf (1998, p. 5), “Os documentos escritos nos são mais valiosos que a palavra falada, tanto nos contratos financeiros quanto nas publicações acadêmicas.”

A cultura escrita¹ permite ao indivíduo o desenvolvimento de suas potencialidades, tanto no campo pessoal quanto no social. A ausência dessa cultura provoca tanto o fracasso individual quanto o atraso econômico e político. No entanto a cultura escrita não é um fenômeno isolado e não funciona como uma força autônoma no contexto da história. Ela não promove, por si mesma, crescimento econômico, racionalidade ou triunfo social. Não há grandes diferenças entre as formas de se comportar e de pensar de alfabetizados e analfabetos. Para um melhor entendimento das dimensões da cultura escrita, é preciso investigar sociedade a sociedade. Desta forma, deve-se focar os usos dos documentos e da escrita. Assim, estudando-se documentos governamentais, códigos e leis, ou seja, textos não literários, verifica-se o poder dos que escreviam sobre aqueles a quem ou dos quais se escrevia, isto é, se estes textos eram destinados ao uso diário ou se apenas mostravam quem eram os detentores do poder. Mas isso também se aplica aos textos literários.

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana–UEFS. e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

¹ Nos últimos anos, em todo o mundo, vem crescendo muito o interesse pelos estudos da cultura escrita, com produção de enorme bibliografia, seminários, conferências, revistas e monografias especializadas.

A invenção da escrita não promoveu a revolução social ou intelectual, mas o conhecimento e a compreensão do mundo antigo que depende dos textos escritos, assim como o desenvolvimento das modernas concepções ocidentais, que perpassam pelas suas origens medievais, o protestantismo, o expansionismo europeu, o Iluminismo e a Revolução Industrial.

Mas, apesar de toda a produção escrita que ocorreu durante todos os períodos de sua existência, resta-nos apenas uma ínfima porção do total de textos escritos. Conseguiu-se recuperar muita coisa do mundo antigo, tais como: papiros gregos, tabuinhas de Vindolanda²; inscrições parietais das cidades vesuvianas³, que mostram como a escrita era usada em atividades diárias de indivíduos que não faziam parte das elites cívicas.

2. O MUNDO NO PAPEL

Todas as ações do homem estão postas no papel: sua literatura, sua ciência, seu direito, sua religião, etc. Tudo isso se constitui em artefatos da escrita. O homem, suas idéias e seu mundo são vistos através desses artefatos. Para Olson (1997, p. 10):

O tema da escrita tem a ver com as propriedades especiais e peculiares desses artefatos, com esse mundo de papel, com sua força e suas limitações, com seus usos e abusos, com sua história e mitologia; e tem a ver com os tipos de competência e com as modalidades de pensamento e percepção que intervêm na abordagem e na exploração desse mundo de papel.

A escrita está intimamente relacionada a esses artefatos, ou seja, ao mundo de papel – com toda sua força e suas limitações. O domínio da escrita é útil e importante e há quem afirme e sustente que esse domínio, tal como a circuncisão, o batismo ou a formação em escola privada, representa o acesso a uma elite privilegiada; havendo também quem garanta que, além de útil e importante, o domínio da escrita contribui para o desenvolvimento da racionalidade e da consciência.

A partir dos anos 1960, os estudiosos de diversas áreas: historiadores, lingüistas, antropólogos, psicólogos e pedagogos juntaram-se para explorar a escrita: o uso que se faz dela bem como o seu desenvolvimento ao longo da história. Buscou-se, com esses estudos, verificar não só o que está envolvido no aprendizado da escrita e da leitura bem como esclarecer o que ocorre com as instituições e as atividades: comerciais, legais, religiosas, políticas, literárias e científicas cujos documentos escritos têm papel central, além de determinar o que acontece quando um número significativo da população sabe ler e escrever e, partindo daí, explora esses documentos.

Esses estudos demonstraram que não há uma distinção nítida e radical entre as culturas que empregam a palavra escrita e as que não a utilizam. Todas as culturas sobreviveram. A tônica atual dos estudos de cultura escrita é mostrar que os sistemas de escrita existentes preservam e fixam as formas orais no espaço e no tempo. A escrita é importante porque não só ajuda o homem a lembrar o que pensou e o que disse como o leva a considerar um e outro de maneira diferente. A escrita não representa apenas a capacidade de decodificar palavras e frases e sim a capacidade de ingressar em outro mundo, o mundo do papel. A escrita contribui para que o homem tenha o seu entendimento de mundo e de si mesmo.

² Tabuinhas de madeira escritas a tinta e encontradas em Vindolanda – um forte próximo à Muralha de Adriano, a partir de escavações realizadas nas décadas de 1970 e 1980.

³ Cidades que se encontram nas proximidades do vulcão Vesúvio, na Itália, como Pompéia e Herculano.

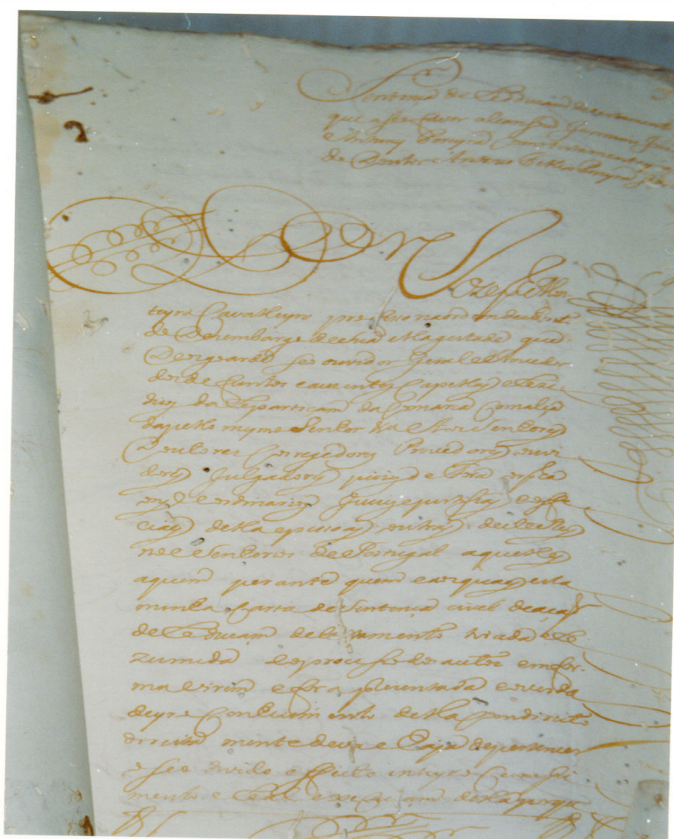
3. A VARIEDADE DE DOCUMENTOS

Há uma grande variedade de documentos que se apresentam sob diversas formas: livros, panfletos, inscrições, documentos administrativos e grafites. Toda essa documentação está relacionada tanto com as camadas de pessoas cultas quanto com as camadas de pessoas mais modestas e que se encontram hoje em museus, bibliotecas, arquivos e acervos particulares em todo o mundo.

3.1 A documentação escrita

Atualmente, todo evento significativo prescinde de uma documentação escrita: contratos são selados através de uma assinatura escrita; as mercadorias nos supermercados estão dispostas conforme o que está escrito; os nomes das ruas e dos destinos dos ônibus vêm escritos; as placas informativas em estações ferroviárias e rodoviárias e nos aeroportos; as lápides nas sepulturas, etc. – tudo isso apresentado a partir de um texto escrito. Todas as atividades complexas são registradas através da escrita, seja em livros de receitas culinárias, seja em manuais de aparelhos eletroeletrônicos, seja em livros que ditam a moda. Os créditos que são atribuídos a uma invenção ou a uma realização científica dependem do seu registro escrito.

As sociedades ocidentais têm como uma de suas preocupações a alfabetização e esta envolve a aquisição de uma competência genérica na escrita. Após a aquisição desta competência, passa-se à obtenção de conhecimentos específicos de história e ciência, por exemplo. Há mais de um século que as políticas governamentais, de muitas democracias ocidentais bem como de países em desenvolvimento, têm como prioridade a alfabetização, pois esta é uma condição do exercício da cidadania. A alfabetização tem implicações econômicas e sociais. A maioria dos povos que usa a escrita a considera fundamental para a forma como a sociedade letrada se vê: instruída e civilizada. Sendo assim, a invenção e o emprego de sistemas de escrita foram úteis para a formação das sociedades burocráticas modernas. O domínio da escrita representa a capacidade de entender e usar o legado cultural oferecido por cerca de três mil anos de diferentes tradições escritas. A escrita permitiu o acúmulo de preciosos tesouros guardados em textos.



Inventário de Antônio Félix Pereira - f. 2rº - 1749-1754
Arquivo Público Municipal de Cachoeira - Ba

3.2 A tradição escrita X A tradição oral

A tradição escrita foi precedida por uma tradição oral. O registro escrito é considerado como a expressão imprecisa de intenções e serve apenas como uma assinatura de autenticação. Até a Idade Média os registros escritos eram pensados e tratados como lembrete em lugar de representações. Antes da larga utilização dos documentos, as transações, como uma transferência de propriedade, por exemplo, eram feitas oralmente e com a presença de testemunhas e a entrega de algum objeto simbólico. Com o uso do documento escrito, que era assinado e selado, este pôde servir como acordo. As transações orais eram feitas através de juramentos, que tinham valor de documento. Com o uso do texto escrito, o juramento perdeu seu valor diante do manuscrito. Mas, mesmo assim, durante muito tempo o texto escrito servia como lembrete, como um recurso para conferir a memória, ou seja, a escrita era uma recordação. Para Isidoro de Sevilha (*apud OLSON, 1998, p. 197*), o uso das letras era para “permitir-nos voltar a ouvir e reter na memória a voz e as palavras daqueles que estão ausentes”.

Segundo Olson (1998, p. 203), “a história da escrita é em parte o aprendizado da construção de documentos que possam incorporar o sentido e servir-lhe de árbitros”.

4. A IMPORTÂNCIA DE SE PRESERVAR A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA

Desde a Antiguidade que os gregos já se preocupavam em salvaguardar suas obras clássicas do esquecimento e da degradação, criando, a partir do séc. III a. C., a Filologia, com o

intuito de editar criticamente os textos de Homero e de outros autores. Para Auerbach (1972, p. 11):

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez já sentir na época dita helenística da Antiguidade grega no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da poesia grega, sobretudo de Homero, dando-lhes forma definitiva.

Quando o homem pára e analisa o mundo a sua volta, percebe que vive cercado de papel: todo o crédito do mundo consiste em milhões de bilhetes de banco, de letras e talões, certificados, despachos de advogados, os registros das populações, os arquivos dos Ministérios, recibos, cartas, informes, ofícios – tudo resumido a um pedaço de papel. A matéria prima da vida moderna não é mais do que o papel. Antigamente os homens escreviam utilizando diversos suportes, tais como: moedas, mármore, madeira, bronze, papiros e pergaminhos. Hoje, o suporte não é tão resistente nem tão duradouro como os de antes. O que se utiliza em larga escala, desde o Humanismo, é o frágil papel. A umidade, a poeira, os fungos, o sol, os insetos em geral podem desfazer e destruir a imensa massa de papel em que está depositada toda a história da humanidade, ou seja, aquilo que lhe é mais caro e precioso.

Analisando-se todo esse processo, verifica-se que a preservação de toda a documentação manuscrita é a chave para a construção de uma identidade sócio-histórica-cultural. No entanto a tarefa de preservar encontra uma série de dificuldades, seja ela em relação à simples atividade de classificar e armazenar, pois há uma enorme massa documental, bem como o compromisso que se traduz entre *conservação* e *acesso*. Para a UNESCO, uma das missões essenciais dos serviços de arquivos e bibliotecas é a de tornar acessíveis os documentos dos quais têm a guarda, a fim de que o patrimônio fique vivo e possa ser objeto de pesquisa. Outra missão é a de conservar os documentos a fim de que o patrimônio possa ser transmitido intacto às gerações futuras, para que a sociedade vindoura conheça o seu passado. Mas essas duas missões são, à primeira vista, antagônicas, pois como seria possível tornar acessível sem pôr em risco de degradação? E como conservar sem permitir a comunicação deste documento? É necessário, contudo, elaborar uma política de preservação cujo objetivo seja o de prevenir, de parar ou retardar a deterioração dos documentos e, se possível, de melhorar as condições de conservação ou de preservar ao menos o conteúdo dos documentos sob a forma de documento de substituição.

A tão propalada tecnologia digital oferece a possibilidade de fornecer aos usuários cópias de alta qualidade, ao mesmo tempo em que está preservando os artefatos originais de manipulações desnecessárias. Mas, mesmo assim não está livre de correr riscos, pois a informação digital está mais sujeita à adulteração e à ação de vândalos. Os suportes computacionais são frágeis e perecíveis e estão subordinados aos complexos sistemas de *hardware* e *software*, além de sofrerem com o rápido avanço da tecnologia digital que faz com que se perca o acesso aos acervos.

4.1 O trabalho de edição de documentos baianos

Objetivando salvar determinados textos dos estragos do tempo, o Grupo de Edição de Textos da UEFS⁴ vem desenvolvendo dois projetos de pesquisa: “Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico” e “Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”, e tem por objetivos: 1. permitir a leitura dos documentos a partir do trabalho filológico de edição semidiplomática, o que possibilitará o acesso mais rápido de pesquisadores de outras áreas do conhecimento a esses documentos; 2. resgatar parte da história baiana, referente aos séculos XVIII ao XX, através das edições semidiplomáticas dos documentos selecionados; 3. tornar conhecida a existência desta documentação com o propósito de evidenciar a sua importância para diversas áreas do saber, tais como: Religião, Geografia, Direito, Genealogia, Antropologia, Sociologia, dentre outras; 4. estudar o desenho da letra enquanto manifestação artística; 5. editar semidiplomaticamente os documentos, visando sua publicação e posterior veiculação, não só para os meios acadêmicos, como para o público em geral, permitindo assim o conhecimento do documento sem a necessidade de manuseá-lo.

O *corpus* que vem sendo editado é constituído por documentos eclesiásticos – livros de batismo, casamento, óbito e livro de tombo – e cíveis: cartas de alforria, queixa-crime, inventários, certidões de venda, declaração de venda, cartas imperiais, correspondências pessoais, queixas de defloramento, livro de notas de compra e venda de escravos etc. Estes textos referem-se a diversos municípios do Sertão e do Recôncavo baianos, dentre eles estão: Água Fria, Cachoeira, Conceição da Feira, Feira de Santana, Riachão do Jacuípe, Santo Amaro, São Gonçalo dos Campos, São José, Serrinha e Tanquinho, com uma possível incorporação de documentos referentes à Chapada Diamantina, especialmente de Lençóis.

4.2 A Edição de alguns fólhos

Apresentaremos, a seguir, a edição semidiplomática do primeiro fólho de dois diferentes documentos. Para a realização deste tipo de atividade, é necessário o estabelecimento de algumas normas, a saber: 1. respeitar fielmente o texto: grafia (letras e algarismos), linha, fólho, etc; 2. indicar o número de fólho, à margem direita, fazendo a chamada com asterisco; 3. numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólho; 4. separar as palavras unidas e unir as separadas; 5. desdobrar as abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito; 6. utilizar colchetes para as interpolações; 7. utilizar chaves para as letras e palavras expurgadas; 8. indicar as rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências; 9. expontuar as letras de leitura duvidosa.

4.3 Queixa-crime

Illustrissimo Senhor Dellegado

Perante *Vossa Senhoria* queixas Manoel Justiniano de Moura e *Albuquerque* que na noute do dia 15 do corrente pelas 10 oras [...] estando durmindo em sua

⁴ O Grupo de Edição de Textos (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq) é composto por profissionais de diversas áreas, a saber: Letras, História, Artes Plásticas e Administração, além de estudantes de graduação (bolsistas de iniciação científica); cujos nomes são: Pesquisadores - Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (líder), Suani de Almeida Vasconcelos, Luiz Cleber Moraes Freire, Antônio Wilson Silva de Souza, Josivaldo Pires de Oliveira; Estudantes: Ana Emília Silva Cordeiro, Ana Jaci Mendes Souza Carneiro, Augusto César Andrade Pinheiro, Elisângela Brito Alves, Eveline Souza Messias, Fabrício dos Santos Brandão e Wanclécia Miranda Moreira.

- 5 propria cama e axamos agazalhada toda a sua
 a *família* e excepção da mulher do supplicante forão
 arrombadas as portas do quintal e da salla do in-
 terior com tanta velocidade que sua dita mulher
 quando ouvio o estrondo que com o arrombamento fi-
10 zerão as mencionadas portas querendo levantar-
 se de uma rede *que* se achava já foi de encontro
 com os agressôres os quais erão Joze Venceslao,
 Bento da *Roxa*, um mulato de nome *Alexandre* escravo
 de Irmação Joze Pinto Canguçú e o crioulo Francelino es-
15 cravo de João da *Silva* Barros todos capitaniados
 por Leolino Pinto Canguçú os quais assim detento-
 res do interior da caza se dirigirão ao quar-
 to e surprehendendo= ao supplicante na cama *inquanto*
 se axava durmindo della o arrancarão ainda
20 mal acordado tudo com tanta rapidez que
 a mulher do supplicante não teve tempo de an=te
 cipar=se para prevenillo; apezar de ser

4.4 Diário de Dr. Remédios Monteiro

- O acaso fez com que eu me encon=trasse uma tarde em um leilão de livros com o dr Domingos Jacy Monteiro. Tinha eu provavelmente
5 nessa época vinte annos elle vizi=velmente mais moço. Eu já cursava o 2º anno medico [...], elle ain=da não se havia matriculado na Es=cola de Medicina. Concordamos em
10 uma permuta dos livros comprados nesse leilão. Fui para isso no dia seguinte a sua casa, na rua do
 perto da minha, em outra
15 rua. Seria muito longo narrar aqui como se evoluio o nosso primeiro co=nhecimento até tornar-se na ami=sade mais antiga, mais dellicada, ma
 is solícita, mais fiel. Basta dizer
20 que nelle encontrei um amigo since=ro.
 Enquanto estivemos em Pariz fo=mos inseparaveis. Elle havia ido

CONCLUSÃO

Durante séculos o homem vem registrando, através da escrita, os seus feitos. Esta, por um longo período, foi realizada por meio manuscrito que, mesmo depois da invenção da imprensa, continuou a ser utilizado. Deste modo, há uma vasta documentação, em todo o mundo,

manuscrita. Todo este legado encontra-se em bibliotecas, museus, arquivos públicos e privados etc. Este acervo contém textos diversos, sendo eles literários – dos autores que deixaram seus manuscritos, ou não literários – documentos das administrações: eclesiásticas, jurídicas, monárquicas, senhoriais, públicas e privadas. O texto escrito ganhou tal importância, em todos os tempos, que o homem que aprendeu a escrever se tornou “rei”. A tarefa de saber escrever se fez tão essencial que as sociedades, tanto do Velho quanto do Novo Mundo, trataram de, ao menos, saber escrever o próprio nome; quando não o sabiam, recorriam aos serviços de escrivões. Desta forma, a escrita, além de ser uma manifestação cultural, tem também um caráter de difusora social.

A UNESCO classifica como patrimônio cultural todo o patrimônio documental e digital. Referindo-se a uma documentação manuscrita, que se acumula em arquivos, bibliotecas, museus etc., esta é um grande legado cultural. No entanto, em se tratando de Brasil, este patrimônio vive ameaçado de extinção. Os documentos referentes à nossa história estão entregues, em muitas situações, às traças, aos cupins, aos insetos em geral, bem como à ação do tempo, ou seja, a depender do local onde estão acondicionados, à chuva, ao sol, ao vento, ou à ação do próprio homem, que os danifica, achando que não são importantes. Os pesquisadores que têm como objeto de estudo textos manuscritos conhecem bem esta verdade. Sendo assim, faz-se necessário que preservemos a nossa história, a nossa identidade, a nossa cultura que, neste caso, está traduzida através de uma vasta documentação manuscrita.

No intuito de amenizar toda esta situação, o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES pretende destinar, ainda este ano, R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de reais) para a preservação de acervos. Em entrevista concedida ao jornal O Estado de São Paulo (30/07/04), o presidente do BNDES, Carlos Lessa, declarou:

Há uma centena de coleções em papel, manuscritos (...) em risco por estarem em locais inapropriados. (...) Não somos levianos de prometer restaurar esses acervos, o que demanda muito dinheiro e mão de obra especializadíssima. Vamos cuidar para que as coleções parem de sofrer a ação das intempéries. (...) Na verdade, vamos atuar nos subterrâneos dessa memória.

Esse tipo de notícia alega a todos que trabalham com acervos. Há um grande empenho por parte dos profissionais que, mesmo não sendo tão especializados, buscam um melhor tratamento aos documentos sob a sua responsabilidade. Uma política de preservação é sempre o melhor instrumento para a missão de salvaguarda e proteção dos acervos institucionais, o que contribui sobremaneira para a estruturação de uma identidade nacional. Destarte, salvemos nossa memória, através da preservação da nossa documentação manuscrita.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BLASSELLE, Bruno. **À Pleines pages: Histoire du livre**. Paris: Gallimard, 1997. v. 1.

_____. **Le triomphe de l'édition: Histoire du livre**. Paris: Gallimard, 1998. v. 2.

BNDES INVESTE NA PRESERVAÇÃO DE ACERVOS. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2004.

BOTTÉRO, Jean et al. **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

CEPEDA, Isabel Vilares. O manuscrito medieval. In: **Tesouros da Biblioteca Nacional**. Lisboa: Inapa, 1992. p. 28-74.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. 2. reimp. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

_____. As práticas da escrita. In: **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3.

_____. **La grande invention de l'écriture et son évolution**. Paris: Klincksieck, 1958.

DESBORDES, Françoise. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. Tradução Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.

DIRINGER, David. **A Escrita**. Tradução Armando Luiz. Lisboa: Verbo, 1971.

EISENSTEIN, Elisabeth L. **A Revolução da imprensa no início da Europa moderna**. São Paulo: Ática, 1996.

GEORGES, Jean. **La Escritura: memoria de la humanidad**. Traducción Enrique Sánchez Hormigo. Barcelona: Ediciones B. S. A., 1998.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas implicações culturais**. Tradução Ordep Serra. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita**. 2. ed. ilustr., rev. e atual. São Paulo: Ática, 1996.

OLSON, David R. **O Mundo no papel**. São Paulo: Ática, 1996.

PAPEL Y PLUMA. Madrid: Fundación Colégio Del Rey, 1986.

QUEIROZ, Rita. Documentação manuscrita: legado cultural. **Tribuna Feirense**, Feira de Santana, 01 ago. 2004. Tribuna Cultural, p. 2.

REYNOLDS, Leighton D. ; WILSON, Nigel G. **Copistas e filólogos: las vías de transmisión de las literaturas griega y latina**. Madrid: Gredos, 1986.

VALLE JR., Eduardo Alves. **Sistemas de informação multimídia na preservação de acervos permanentes**. 2003. 128 fl. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Instituto de Ciências Exatas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

UNESCO. Disponível em: <<http://webworld.unesco.org/safeguarding/>>. Acesso em: 23 ago. 2004.